

As manifestações agressivas ligadas às pulsões sexuais na primeira dualidade pulsional freudiana¹

Fabício de Siqueira Gonçalves²

Fátima Siqueira Caropreso³

Resumo

Este artigo investiga as manifestações agressivas e hostis vinculadas às pulsões sexuais na primeira dualidade pulsional freudiana (1900–1920), período que antecede a reformulação teórica apresentada em *Além do princípio do prazer* (1920/2020). A metodologia adotada consiste predominantemente na análise estrutural de textos, com o objetivo de circunscrever o desenvolvimento interno dos conceitos ao longo das obras freudianas. A partir desse procedimento, são examinados os seguintes fenômenos: complexo de Édipo, pulsão de apoderamento, fases oral, fase sádico-anal, ambivalência afetiva, sadismo, masoquismo e fantasias de surra. A investigação concentra tanto na evolução conceitual quanto nas inconsistências teóricas identificadas. A análise evidencia que, entre 1910 e 1914, Freud ampliou significativamente suas hipóteses sobre a agressividade com a introdução da teoria do narcisismo, ao sustentar que as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões do Eu para se desenvolver, durante a fase narcísica, dando origem a impulsos hostis e agressivos na sexualidade sem a presença de desprazer. Contudo, identificam-se limitações explicativas relevantes: a impossibilidade de conciliar o sadismo com a fase narcísica, uma vez que comportamentos sádicos se dirigem desde o início ao mundo externo; a ausência, no sadismo infantil, do objetivo de causar dor, característica central da perversão sádica adulta; e a dificuldade de compreender os desejos parricidas e homicidas presentes na ambivalência afetiva apenas com base nas pulsões do Eu, uma vez que tais desejos ultrapassam a lógica da autopreservação. Essas inconsistências indicam que a primeira dualidade pulsional permite compreender a agressividade apenas quando articulada ao erotismo, ao princípio de prazer ou à autopreservação, revelando-se insuficiente para concebê-la como um fenômeno autônomo e apontando, assim, para a necessidade da reformulação teórica posterior.

Palavras-chave: Psicanálise. Freud. Agressividade. Sexualidade. Primeiro dualismo pulsional.

¹ Este artigo foi elaborado com o apoio de bolsa de doutorado concedida ao primeiro autor pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Programa Demanda Social.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), linha de pesquisa em História e Filosofia da Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2999-9466> E-mail: fabiciosg87@yahoo.com.br

³ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora visitante no Departamento de Estudos Psicossociais e Psicanalíticos da University of Essex (Reino Unido). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8197-1479> E-mail: fatimacaropreso@uol.com.br

Introdução

Desde seus primeiros escritos psicanalíticos até *Além do princípio do prazer* (1920/2020), Freud desenvolveu a teoria da primeira dualidade pulsional. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018), principalmente a partir da consideração da sexualidade, ele desenvolve o conceito de pulsão, cujas raízes já podem ser identificadas no texto *Projeto de uma psicologia científica* (Freud, 1895/2003). O pai da psicanálise sustenta, nessa etapa inicial de seu pensamento, que duas classes de pulsões que se contrapõem estão presentes no psiquismo — as sexuais e as egoicas — e, tendo em vista essa contraposição, busca explicar os conflitos psíquicos, apontando que o Eu encontra nas pulsões do Eu a energia necessária para se defender das metas das pulsões sexuais.

Ao longo da teoria da primeira dualidade pulsional, Freud (data) apresenta várias hipóteses sobre as manifestações agressivas e hostis presentes na sexualidade⁴. Até 1913, ele aborda essas expressões agressivas no contexto do complexo de Édipo (Freud, 1909/2018; 1900/1991; 1912–1913/2016), da pulsão de apoderamento (Freud, 1905/2018) e da fase sádico-anal (Freud, 1905/2018; 1908/2018; 1909/2013; 1909/2018; 1913/2018).

Entre 1910 e 1914, o autor desenvolve hipóteses sobre o narcisismo, que culminam na introdução da fase narcísica em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) e em *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), sugerindo que, nessa fase, as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões do Eu para se desenvolver, o que pode dar origem a impulsos hostis, de ódio e agressivos ligados à sexualidade, sem a presença de desprazer. A elaboração dessas hipóteses representa uma evolução na teoria pulsional freudiana e permite aprofundar a compreensão das manifestações hostis e agressivas associadas à sexualidade.

Entre 1914 e 1920, Freud continua desenvolvendo hipóteses sobre as manifestações agressivas ligadas às pulsões libidinais. Essas manifestações, segundo a teoria formulada nesse período, podem ser identificadas no complexo de Édipo (Freud, 1917/2015), na pulsão de apoderamento (Freud, 1915/2010a; 1917/2015), na fase oral (Freud, 1915/2010a; 1917[1915]/2010), na fase sádico-anal (Freud, 1915/2010a), na ambivalência afetiva (Freud, 1915/2010b; 1917[1915]/2010), no sadismo e masoquismo (Freud, 1915/2010a) e nas fantasias de surra (Freud, 1919/2017).

Ao analisar as referências secundárias, observa-se que as manifestações agressivas e hostis na primeira dualidade pulsional freudiana são pouco abordadas pelos comentadores. Quando mencionadas, elas são tratadas de forma breve e superficial⁵. Todavia, a compreensão

4 Por manifestações agressivas e hostis ligadas às pulsões sexuais, compreendem-se os impulsos de domínio, agressividade, crueldade e destrutividade — tais como o ódio, o desejo de ferir, humilhar e submeter, bem como a autoagressividade —, que se articulam às pulsões sexuais ao longo das diferentes fases do desenvolvimento psicosssexual. Essas manifestações podem dirigir-se tanto ao objeto quanto ao próprio Eu e abrangem desde formas cotidianas de agressividade implicadas no complexo de Édipo até configurações perversas, como o sadismo e o masoquismo, além de fantasias de surra, nas quais a excitação sexual se encontra intrinsecamente vinculada ao exercício da violência, real ou fantasiada.

5 Podemos citar como exemplos: Bergler (1938), Hartmann et al. (1949), Schuster (1966), Novick e Novick (1972), Hanly (1978), Blum (1980), Modell e Sacks (1985), Rizzuto et al. (1993), Friedman e Downey (1995), Dennen (2005), Razinsky (2007), Ahbel-Rappe (2008), D'Amato (2010), Blum (2010), Sirois (2010), Denis (2015), De Vleminck (2017), Ackerman (2023), entre outros.

dessas manifestações na obra freudiana, anterior a *Além do princípio do prazer* (1920/2020), constitui um problema teórico de grande relevância para a psicanálise por três razões centrais. Em primeiro lugar, ela permite delimitar os limites explicativos que podem ter levado Freud (data) a reformular a teoria pulsional, com a introdução do conceito de pulsão de morte. Em segundo lugar, a investigação sistemática desse período evidencia como Freud foi progressivamente confrontado com fenômenos clínicos e psíquicos que não se deixavam explicar de modo satisfatório pela oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, apontando para a existência de uma agressividade que operava de maneira relativamente autônoma em relação tanto ao erotismo quanto à autopreservação. Por fim, essa análise torna possível identificar as tensões, contradições e lacunas internas à teoria, revelando não apenas suas insuficiências, mas também a produtividade de um pensamento em permanente elaboração.

A escassez de estudos aprofundados sobre as manifestações agressivas vinculadas à sexualidade no período anterior a 1920 não constitui apenas uma lacuna historiográfica, mas compromete a compreensão da lógica interna do desenvolvimento teórico freudiano e das razões epistemológicas que tornaram necessária a formulação da segunda teoria pulsional. Este artigo propõe-se a preencher essa lacuna por meio de uma análise sistemática e rigorosa das concepções freudianas acerca da agressividade e da sexualidade entre 1900 e 1920, esclarecendo como o autor elaborou suas hipóteses sobre manifestações hostis, agressivas e de ódio associadas às pulsões sexuais, bem como identificando os impasses teóricos que emergiram nesse percurso — impasses que evidenciam não apenas os limites de um modelo conceitual, mas a exigência de repensar os próprios fundamentos da teoria pulsional.

A metodologia adotada consiste na análise estrutural de textos, com o objetivo de circunscrever o desenvolvimento interno dos conceitos ao longo da obra de Freud. Para tanto, seguimos as diretrizes propostas por Laurenti e Lopes (2016) para a pesquisa conceitual em psicologia, que organizam o procedimento interpretativo em quatro etapas. A primeira corresponde ao levantamento dos principais conceitos presentes no texto; a segunda dedica-se à caracterização das teses centrais, visando apresentar o texto a partir de sua estrutura conceitual; a terceira consiste na elaboração de esquemas explicativos, destinados a explicitar as relações entre os conceitos identificados; por fim, a quarta etapa compreende a síntese interpretativa, isto é, a construção de uma articulação global das relações conceituais elaboradas ao longo das etapas anteriores.

A agressividade no complexo de Édipo

A discussão da agressividade no complexo de Édipo ocupa um lugar de destaque na primeira teoria pulsional freudiana, uma vez que as manifestações agressivas e hostis emergem com particular nitidez no campo do amor infantil. Ao situar o Édipo como a matriz dos conflitos de desejo, rivalidade e identificação, Freud (data) evidencia que a constituição do objeto amoroso — a mãe para o menino e o pai para a menina — é acompanhada, de modo quase inevitável, pela instauração de um obstáculo encarnado pelo genitor do mesmo sexo. Desse modo, a sexualidade infantil, longe de se apresentar como exclusivamente terna, revela-se perpassada por desejos de exclusividade, ciúme e fantasias de eliminação do rival,

que podem manifestar-se sob a forma de ódio, hostilidade e desejos mortíferos. Examinar essas manifestações no Édipo permite, portanto, compreender como Freud, já antes de 1920, localiza na vida psíquica infantil um núcleo no qual erotismo e agressividade se entrelaçam, produzindo uma estrutura de ambivalência afetiva.

Como destacam May (2015) e Dennen (2005), Freud aborda pela primeira vez a agressividade de forma aprofundada em *A interpretação dos sonhos* (1900), ao analisar sonhos relacionados a entes queridos. Ele observa que seus pacientes frequentemente relatam ter sonhado, em algum momento da vida, com a morte desses entes e, diante da recorrência desse tipo de sonho, considera pertinente tentar compreendê-los.

Freud (1900/2020) demonstra especial interesse pelos sonhos envolvendo a morte de pais e irmãos, em que o sonhador acorda angustiado, muitas vezes chorando. Segundo ele, esses sonhos têm origem na primeira infância, período em que o conceito de morte difere daquele dos adultos. Para a criança, morrer significa, essencialmente, desaparecer, deixar de incomodar, seja por férias, viagens, seja por morte. Assim, quando uma criança deseja que alguém vá embora ou pare de incomodá-la, pode desejar, sem conflito, que essa pessoa morra. Com o estabelecimento da repressão, esse desejo de morte é deslocado para o inconsciente, sendo despertado por algum acontecimento ocorrido no dia anterior ao surgimento do sonho (Freud, 1900/2020).

Freud (1900/2020) observa ainda que esses desejos aparecem nos sonhos sem disfarce, pois a censura da consciência não está preparada para barrá-los, já que nenhum tema parece tão distante de nossa consciência quanto a morte de entes queridos. Ele categoriza esses sonhos em dois grupos. O primeiro está relacionado à morte de irmãos. Freud ressalta que a criança, por natureza é egoísta e coloca seus interesses acima de tudo, o que faz com que a chegada de novos membros à família seja marcada por hostilidade, mesmo que, na vida adulta, desenvolva-se uma relação afetuosa. Gonçalves e Caropreso (2022) sugerem que tais sonhos podem ser motivados pelas pulsões do Eu, assim como pelas pulsões sexuais. A criança percebe o novo membro da família como um intruso, alguém com quem precisa dividir não apenas seus brinquedos, mas também os recursos essenciais para sua subsistência, incluindo a atenção e o cuidado dos pais. No entanto, também as pulsões sexuais podem exercer um papel nisso, porque a chegada de um novo membro da família interfere na relação da criança com o progenitor escolhido como objeto de amor.

Podemos ver a presença da hostilidade, mencionada anteriormente, no caso clínico descrito em *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909). Nele, Freud (1908/2018) afirma que, após o nascimento da irmã, Hans “ficou bastante retraído, naturalmente, e de repente adoeceu da garganta. Durante a febre disse: ‘Eu não quero uma irmãzinha!’” (p. 131). Ele observa que, no inconsciente, Hans dirigia a mesma hostilidade à irmã e ao pai, pois ambos impediam que ele ficasse sozinho com a mãe e monopolizasse seu amor. Dessa forma, é possível identificar a manifestação das pulsões libidinais no desejo hostil.

O segundo grupo de sonhos está relacionado à morte de genitores. Freud (1900/2020) observa que, na maioria das vezes, esses sonhos envolvem o falecimento do genitor do mesmo sexo que o sonhador. Esse tipo de sonho evidencia que os desejos sexuais na infância se manifestam precocemente: o primeiro interesse libidinal da menina volta-se para o pai,

enquanto o do menino, para a mãe⁶. Consequentemente, a menina enxerga a mãe como rival, e o menino percebe o pai da mesma forma e ambos destinam o ódio e os desejos hostis ao genitor de mesmo sexo.

Em *Totem e tabu* (1912–13/2016), Freud especula sobre a origem do complexo de Édipo na história humana, sugerindo que os primeiros grupos humanos viviam em hordas governadas por um pai tirânico, que expulsava seus filhos à medida que cresciam, temendo que ameaçassem seu poder e sua exclusividade com as mulheres. Um dia esses filhos expulsos da horda se reuniram, voltaram a ela, mataram e devoraram o genitor. Desse crime teriam surgido duas restrições: não matar o totem e não ter relações sexuais com as mulheres da mesma horda. Essas restrições teriam como objetivo tentar frear os desejos parricidas e incestuosos e, assim, garantir a vida em sociedade, ajudando a formar a consciência moral e se tornando uma herança filogenética, que atuaria na repressão dos desejos edípicos.

Agressividade relacionada à pulsão de apoderamento

Freud considera a pulsão de apoderamento uma das formas de manifestação da agressividade no ser humano. Trata-se de uma pulsão não sexual que, secundariamente, se liga à sexualidade, tendo como objetivo dominar o objeto por meio da força. Nas obras anteriores a 1920⁷, a pulsão de apoderamento é associada às chamadas pulsões do Eu, responsáveis por controlar e dominar o meio, especialmente a partir da musculatura e da força física. Laplanche e Pontalis (1995) e Aleksandrowicz (2009) observam que, embora Freud tenha utilizado o termo em algumas ocasiões, ele nunca desenvolveu uma teoria abrangente sobre sua relação com as duas classes de pulsões propostas. Denis (2015) sugere que essa lacuna decorre da ruptura com Adler, cuja teoria centrava-se no “desejo de poder”. Esse contexto teria levado Freud a privilegiar a sexualidade no desenvolvimento da psicanálise.

A partir de *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), Freud argumenta que, na fase narcísica, as pulsões do Eu conferem características agressivas e hostis às pulsões sexuais, dado que estas se apoiam naquelas para se desenvolverem. É possível considerar que as pulsões do Eu que conferem essas características agressivas às pulsões libidinais são a pulsão de apoderamento e as pulsões egoístas⁸. Não obstante Freud mencione poucas vezes a

6 A expressão complexo de Édipo aparece, na obra freudiana em 1910, embora possamos ver suas raízes na Carta a Fliess de 15 de outubro de 1897 (Laplanche & Pontalis, 1995). Optamos utilizar esse termo na análise dos sonhos de morte de entes queridos, presente em *A interpretação dos sonhos* (1900), para facilitar as exposições das ideias sobre a agressividade ligada a esse complexo, nesse tipo de sonhos.

7 As considerações sobre a pulsão de apoderamento estão presentes, principalmente, nos textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018), *A predisposição à neurose infantil* (1913/2017), *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a) e *Conferência 21: o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1917/2015).

8 As pulsões egoístas integram o conjunto das pulsões do Eu e correspondem a impulsos orientados prioritariamente para a autopreservação, o interesse próprio e a proteção do sujeito. Tais pulsões visam à conservação da vida, à garantia de condições básicas como alimento, abrigo e segurança, à evitação da dor e do desprazer, bem como à manutenção da integridade do indivíduo. Elas se opõem, em termos teóricos, às pulsões sexuais, que visam ao prazer ligado ao objeto. Essa interpretação é possível ao analisar *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018), *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), *Considerações sobre guerra e morte* (1915/2010) e *Conferência 21: o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1917/2015).

atuação direta da pulsão de apoderamento no Eu, ele reconhece sua expressão mais evidente na sexualidade, motivo pelo qual abordaremos suas manifestações nesse contexto.

As primeiras referências à pulsão de apoderamento aparecem em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), como apontam Hartmann et al. (1949). Freud (1905/2018) afirma que a sexualidade, especialmente nos homens, apresenta um componente agressivo de origem biológica, cuja função seria superar a resistência do objeto sexual. Dennen (2005) sugere que essa ideia pode ter sido influenciada pelo que Breuer afirmou, em *Estudos sobre a histeria* (1895), sobre a ligação entre excitação sexual e a intensificação do instinto agressivo em animais machos.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2018) defende que a agressividade se manifesta nas pulsões sexuais por meio da pulsão de apoderamento, que, nos primórdios da infância, confere características cruéis e agressivas àquelas pulsões. Ele comenta que “é também mediante essa ligação entre libido e crueldade que sucede a transformação de amor em ódio, de impulsos afetuosos em hostis, característica de toda uma série de casos neuróticos e até mesmo da paranoia, ao que parece” (p. 65).

A ligação entre a pulsão de apoderamento e as pulsões sexuais pode fazer com que o componente agressivo oriundo da pulsão de apoderamento se desenvolva nas pulsões libidinais com certa autonomia, dotando a criança de comportamentos agressivos e cruéis, posto que a repressão ainda não se efetivou. Freud (1905/2018) sugere que esses comportamentos começam a ser inibidos na segunda infância, ganham força durante a adolescência e, finalmente, são reprimidos na vida adulta. Ele também associa comportamentos cruéis de crianças com animais ou colegas à presença de uma atividade sexual intensa e precoce.

Freud (1905/2018) afirma que a libido, independentemente do sexo do indivíduo ou de seu objeto de desejo, é de natureza ativa e masculina. Essa atividade libidinal é atribuída à agressividade inerente à pulsão de apoderamento, como se evidencia no caso do pequeno Hans, descrito como “muito agressivo com as meninas, masculino, dominador, abraçando-as e beijando-as” (Freud, 1909/2018, p. 137). Tal agressividade pode manifestar-se tanto de forma relativamente moderada, como a superação da resistência do objeto sexual, quanto por meio de expressões mais extremas, como o sadismo e o masoquismo. No que concerne à feminilidade, Freud sugere que essas qualidades ativas da libido seriam, em grande medida, reprimidas como condição para que a mulher pudesse usufruir de sua feminilidade na vida adulta, o que contribuiria para uma menor expressão da agressividade nas mulheres, em comparação aos homens, conforme discutem Gonçalves e Caropreso (2022).

Em *Totem e tabu* (1912–1913/2016), Freud atribui à pulsão de apoderamento um papel decisivo tanto na constituição psíquica do indivíduo quanto no desenvolvimento da civilização, ao articular desejo, vontade e ação motora como vias fundamentais de satisfação pulsional. Nesse contexto, o autor sustenta que:

Quanto à criança, que se acha em condições psíquicas análogas, mas ainda não tem capacidade motora, defendemos a hipótese de que inicialmente satisfaz seus desejos de forma alucinatória, produzindo a situação satisfatória mediante as excitações centrífugas de seus órgãos sensoriais. Quanto ao homem primitivo adulto, há um outro caminho. Ao seu desejo liga-se um impulso motor, a vontade, e esta — que depois, a serviço

da satisfação do desejo, mudará a face da Terra — é agora usada para representar a satisfação, de modo que esta pode ser vivenciada através de alucinações motoras, digamos. Tal *representação* do desejo satisfeito é comparável à *brincadeira* das crianças, que nelas toma o lugar da técnica puramente sensorial de satisfação. Se a brincadeira e a representação imitativa bastam para a criança e o primitivo, isso não é um sinal de modéstia, tal como a entendemos, ou de resignação graças ao reconhecimento de sua real impotência, mas a compreensível consequência do preponderante valor de seu desejo, da vontade dele dependente e dos caminhos que ele tomou (p. 134).

Denis (2015) argumenta que a vontade capaz de “mudar a face da terra”, mencionada nessa passagem, é concebida como estando a serviço da satisfação de um desejo ligado à motricidade e às atividades de representações. Freud não dissocia a busca de satisfação do exercício da vontade de domínio, ao contrário, associa-os.

Na terceira edição de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicada em 1915, são apresentados dois argumentos significativos sobre a pulsão de apoderamento. Ideias semelhantes podem ser encontradas em *A predisposição à neurose obsessiva* (1913/2017) e na *Conferência 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1917/2015). O autor explica que, durante o primeiro florescimento da vida sexual da criança, entre os três e cinco anos de idade, surge a pulsão de saber ou de pesquisa, a qual não pode ser classificada como uma pulsão elementar nem subordinada, exclusivamente, à sexualidade. Segundo Freud (1917/2015), a pulsão de saber resulta de uma sublimação da pulsão de apoderamento, que, ligada à sexualidade, direciona-se principalmente para a resolução de questões sexuais típicas dessa faixa etária, como a origem dos bebês e as diferenças entre os genitais masculino e feminino.

No segundo argumento apresentado em *A predisposição à neurose obsessiva*, Freud (1913/2017) afirma que a pulsão de apoderamento pode equivaler ao sadismo, quando ela está a serviço da atividade sexual. Fora desse contexto, sua função é exercer controle e dominar o ambiente, apropriando-se dele, o que pode ser observado na tentativa da criança de controlar os próprios movimentos durante a fase narcísica (Freud, 1915/2010a). Nesse período, a pulsão de apoderamento contribui para a formação dos impulsos sádicos presentes nas pulsões sexuais, os quais derivam das características dominadoras, controladoras e agressivas inerentes à pulsão de apoderamento. Além disso, tais impulsos podem adquirir certa autonomia na vida adulta, levando ao sadismo ou ao masoquismo. Voltaremos a essas questões adiante.

A agressividade presente na fase oral

Freud (data) também aponta a presença de impulsos sádicos na fase oral, embora não aprofunde suas hipóteses sobre esse fenômeno. Antes de *Além do princípio do prazer* (1920/2020), ele os menciona brevemente em algumas obras, como na terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018), em *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), *Luto e melancolia* (1917[1915]/2010) e *História de uma neurose infantil* [“o homem dos lobos”] (1918[1914]/2017). A análise desses textos contribui para compreender como os impulsos sádicos são concebidos na teoria freudiana até 1920.

Na terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicada em 1915, Freud descreve a fase oral, também chamada de canibal, como a primeira etapa do desenvolvimento sexual. Nesse período pré-edípico, as atividades sexuais estão intrinsecamente ligadas às funções de proteção e conservação do indivíduo, já que as pulsões sexuais dependem das pulsões do Eu para se desenvolver. O autor explica que, nessa fase, “o objeto das duas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na incorporação do objeto” (Freud, 1905/2018, p. 108). Assim, a satisfação das pulsões do Eu, alcançada pela saciação da fome, proporciona também satisfação libidinal pela estimulação da zona erógena oral. Esse processo culmina em uma identificação narcísica, na qual o infante introjeta em seu Eu os objetos prazerosos, incorporando suas características.

Como o mesmo objeto é fonte de satisfação tanto para as pulsões do Eu quanto para as pulsões sexuais, sua incorporação também implica sua destruição, já que ele é devorado. Esse processo, por sua vez, pode conferir características sádicas às pulsões sexuais, a partir da influência da pulsão de apoderamento e das pulsões egoístas. A criança busca controlar e dominar o objeto por meio da pulsão de apoderamento, ao passo que as pulsões egoístas buscam a preservação do indivíduo, em detrimento do objeto. Essa dinâmica associa impulsos sádicos à libido, marcados pela agressividade e pela dominação associadas ao prazer. Além disso, nessa etapa da fase oral, o amor é ambivalente, pois sentimentos de amor e ódio, bem como impulsos sádicos, estão entrelaçados devido à união desses dois grupos de pulsões, o que impede o infante de separar os impulsos afetuosos e os hostis em algum grau (Freud, 1915/2010a; 1917[1915]/2010).

Uma das explicações mais detalhadas sobre o sadismo na fase oral aparece em *História de uma neurose infantil* [“o homem dos lobos”] (1918[1914]/2017). Nesse caso clínico, Freud observa que um dos sintomas do paciente, relacionado à alimentação, tem raízes na sexualidade, mais precisamente na fase oral. Devido à fixação da libido nesse estágio, os sintomas neuróticos do paciente manifestaram-se como problemas alimentares. De acordo com o autor, “a meta sexual dessa fase só poderia ser o canibalismo, a devoração; ela aparece em nosso paciente mediante a regressão de um estágio mais alto, no medo de ser devorado pelo lobo” (p. 141). Esse medo simbolizaria o desejo reprimido de ser possuído sexualmente pelo pai. Com base nos dados fornecidos pela transferência, Freud sugere que o pai do paciente brincava de lobo ou de cão, dizendo que o “comeria”; assim, “toda vez que, ante as dificuldades do tratamento, ele se refugiava na transferência, ameaçava com a devoração e depois com todos os maus tratos possíveis, o que era apenas expressão de carinho” (p. 141).

A agressividade presente na fase sádico-anal

A concepção sobre a fase sádico-anal é desenvolvida gradualmente na teoria freudiana. Suas raízes encontram-se em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018), sendo formalmente inserida em *A predisposição à neurose obsessiva* (1913/2017). Naquela obra, Freud observa que o infante experimenta sensações de prazer decorrentes da erogeneidade da zona anal, tema aprofundado em *Caráter e erotismo anal* (1908/2018). Traços como ordem, parcimônia, obstinação e organização são associados ao erotismo anal, e Freud aponta que

peessoas com tais características manifestam raiva e desejo de vingança, ao serem frustradas. Ele observa também que esses indivíduos enfrentaram, durante a infância, dificuldades para dominar a incontinência fecal e, mesmo após controlá-la, lidaram com pequenos insucessos. Na vida adulta, os problemas relacionados à evacuação desapareceram, sendo substituídos por esses traços.

A relação entre a erogeneidade e a zona anal é analisada de forma mais detalhada em *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909/2018). Nesse caso clínico, Freud descreve como Hans desenvolveu uma relação peculiar com os excrementos, por exemplo, insistindo para acompanhar a mãe ao banheiro e sentindo prazer quando ele tinha auxílio para a higiene pessoal. Ele reporta que Hans elaborou uma teoria sobre a origem dos bebês, associando seus desejos libidinais à zona anal, ao imaginar que eles são expelidos como fezes. A seguinte fantasia é descrita:

De manhã eu fui ao banheiro com todos os meus filhos. Primeiro eu fiz Lumpf e depois pipi, e eles ficaram olhando. Depois coloquei eles no vaso e eles fizeram pipi e Lumpf e eu limpei o traseiro deles com papel. Sabe por quê? Porque eu gosto muito de crianças, então quero fazer tudo para elas, levar ao banheiro, limpar o bumbum, tudo isso que se faz com as crianças (Freud, 1909/2018, p. 230)

Ao analisar os desejos sádicos e hostis do pequeno Hans, Freud (1909/2018) os distingue cuidadosamente. Consoante o autor, “o desejo de Hans de ‘provocar’ o cavalo é duplamente constituído, é composto de um desejo obscuro, sádico, em relação à mãe, e de um claro impulso de vingança dirigido ao pai” (p. 214). O desejo sádico, originado da libido, auxiliaria as pulsões sexuais na superação da resistência do objeto sexual e na dominação necessária para o ato sexual. Já o impulso de vingança derivaria do complexo de Édipo, pois o pai representa um obstáculo à concretização dos desejos libidinais de Hans em relação à mãe.

No caso clínico do Homem dos ratos, descrito em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (1909/2013), Freud ilustra como impulsos sádicos e hostis podem dominar os sentimentos, pensamentos e comportamentos de uma pessoa. Ele observa que, na tentativa de reprimi-los, podem surgir formações reativas que intensificam os sentimentos opostos àqueles impulsos. Contudo, a repressão nem sempre é eficaz e não consegue impedi-los de eventualmente se manifestarem no Eu. O autor também identifica o uso de mecanismos de defesa, como a racionalização, a negação e a anulação, para justificar a presença desses desejos.

Sobre o sadismo e o ódio, Freud (1909/2013) afirma que o componente sádico da libido permanece obscuro. Portanto, tem apenas o valor de uma explicação provisória se afirmamos que, nos casos discutidos de ódio inconsciente, o componente sádico do amor desenvolveu-se constitucionalmente de forma bastante acentuada, daí experimentando uma supressão prematura e demasiado radical, e os fenômenos neuróticos observados derivam, por um lado, da ternura consciente elevada ao máximo pela reação e, por outro lado, do sadismo que prossegue atuando como ódio no inconsciente (p. 102).

Observa-se, nessa passagem, que Freud (1909/2013) começa a mencionar a diferença entre o ódio e o sadismo, todavia não avança nessa distinção, talvez devido à falta de fundamentos teóricos. Em *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), o autor retoma essa questão,

com o objetivo de descrever de forma mais detalhada a formação desses dois componentes no psiquismo. Suas hipóteses sobre a fase narcísica e o desenvolvimento do Eu o auxiliam nessa descrição.

Nos textos que precedem *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (1909), Freud ressalta que a libido pode estar mesclada com impulsos sádicos, porém não os relacionam com o desenvolvimento das pulsões sexuais. Naqueles trabalhos, ele considera que a pulsão de apoderamento se liga às pulsões libidinais, no início da infância, e dota estas de características agressivas e cruéis. No caso do Homem dos ratos, entretanto, ele sugere que um evento específico — ser surrado pelo pai — contribuiu para fixar a libido do paciente na fase sádico-anal, gerando impulsos de ódio e sadismo em suas relações ao longo da vida.

Em *A predisposição à neurose obsessiva* (1913/2017), Freud introduz a fase sádico-anal ao estudar uma paciente que, após desenvolver uma neurose de angústia ligada à frustração de uma fantasia de sedução, apresentou uma neurose obsessiva — desencadeada pela impotência sexual do marido e sua subsequente partida, levando a paciente a acreditar que sua vida sexual havia perdido o sentido. Como resultado, sua libido regrediu para a fase sádico-anal, impregnando seus comportamentos, pensamentos e sentimentos com impulsos sádicos.

Freud (1913/2017) observa que o comportamento dos impulsos sádicos, na neurose obsessiva, difere daquele observado no desenvolvimento normal, também chamado de desenvolvimento do caráter. Segundo ele, no desenvolvimento psicosexual que culmina na neurose obsessiva, a criança atravessa as primeiras fases, mas um evento específico fixa sua libido na fase sádico-anal. Na vida adulta, diante da frustração dos impulsos libidinais, sua libido regride a essa fase, impregnando seus pensamentos, comportamentos e sentimentos com impulsos sádicos. No desenvolvimento normal, por outro lado, quando não há formação de neurose. Nesse caso, a repressão ou não atua ou atinge seu objetivo com facilidade e o que foi reprimido é então substituído, sem obstáculos, pela formação reativa e pela sublimação. Nesse contexto, mulheres que abandonam a atividade sexual podem ter a função psíquica dominada por impulsos sádico-anais, explica o autor.

Com a inclusão da fase sádico-anal, Freud (1913/2017) argumenta que a pulsão de apoderamento pode ser equiparada ao sadismo, quando está a serviço da função sexual. Retomando as ideias apresentadas em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018), o autor afirma que esse sadismo desempenha um papel crucial na sexualidade masculina, facilitando o ato sexual. Posteriormente, em *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), Freud apresenta uma de suas últimas hipóteses sobre a agressividade nessa fase. Ele sugere que, no início da vida, durante a fase narcísica, as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões do Eu para se desenvolver, o que pode resultar na emergência de traços sádicos, que se manifestam como impulsos agressivos e hostis na libido, sem a presença de desprazer.

Sadismo e masoquismo

O sadismo e o masoquismo são discutidos pela primeira vez de maneira aprofundada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018). Nesse trabalho, Freud observa que a pulsão de apoderamento se liga às pulsões sexuais no início da infância, conferindo-

lhes características agressivas necessárias para superar a resistência do objeto sexual. Em alguns casos, essa pulsão assume certa autonomia na libido, manifestando-se por meio de comportamentos cruéis e agressivos como forma de satisfação sexual.

De acordo com Freud (1905/2018), “o conceito de sadismo vai de uma atitude simplesmente ativa, depois violenta ante o objeto sexual, até o vínculo exclusivo da satisfação com a subjugação e o mau tratamento desse objeto” (p. 52). Apenas essa última forma configuraria uma perversão. Já o masoquismo engloba todas as atitudes passivas em relação ao sexo e ao objeto sexual. Como perversão, ele se caracterizaria pela associação entre satisfação libidinal e sofrimento físico ou psíquico infligido pelo parceiro sexual (Freud, 1905/2018). Nesta seção, concentraremos nossa análise no sadismo e no masoquismo como perversões.

Na primeira dualidade pulsional, o sadismo e o masoquismo também são abordados em *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a). Nessa obra, Freud descreve que:

a) Sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder, tendo uma outra pessoa como objeto. b) Esse objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com a volta contra a própria pessoa, também se realiza a transformação da meta pulsional⁹ ativa em passiva. c) Novamente, se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel de sujeito (p. 65).

Nessa descrição, Freud (1915/2010a) aborda o comportamento dos impulsos sádicos do sadismo ao masoquismo. Inicialmente, os impulsos sádicos alcançam certa autonomia em relação à libido, levando a condutas agressivas e cruéis direcionadas ao objeto para obter satisfação sexual. Contudo, esses impulsos podem ser redirecionados ao próprio Eu, como ocorre na neurose obsessiva, em que a meta ativa se transforma em passiva, intensificando a agressividade entre as instâncias que o compõem. Apesar dessa transformação, o sujeito pode ainda buscar um objeto sexual para agredi-lo, humilhá-lo ou maltratá-lo, identificando-se, em fantasia, com o agressor e, assim, alcançando a satisfação sexual, o que caracteriza o masoquismo.

Até 1920, Freud considera que sadismo e masoquismo compartilham a mesma meta pulsional: causar sofrimento e dor ao objeto sexual. Em *As pulsões e seus destinos* (1915/2010a), ele aponta que a diferença entre essas perversões reside nas restrições impostas pela consciência moral. No sadismo, busca-se a satisfação sexual sem a interferência dessa instância; no masoquismo, entretanto, a meta é influenciada pela consciência moral, fazendo com que os impulsos sádicos se voltem contra o Eu. Nesse caso, o indivíduo se identifica com o agressor na fantasia para alcançar satisfação pulsional.

Freud (1915/2010a) depara-se com três dificuldades ao sustentar que o sadismo é primário, as quais obscurecem a compreensão dessa perversão na primeira dualidade pulsional, como aponta Gonçalves (2020). A primeira consiste no fato de que ele afirma que, no adulto, além da meta geral (dominação, humilhação e subjugação), o sadismo parece buscar causar dor no objeto. No entanto, o autor não consegue relacionar essa característica com o desenvolvimento das pulsões. Ao analisar os impulsos sádicos na criança, ele observa

9 Nessa passagem, o termo “instintual”, usado pelo tradutor da edição Companhia das letras, foi substituído por “pulsional”.

que eles não têm essa finalidade; seu objetivo parece estar ligado à dominação e ao controle. Porém, com a transformação em masoquismo, a dor funciona como meio para satisfação das pulsões sexuais (Gonçalves, 2020). As sensações dolorosas invadem a excitação sexual e produzem, simultaneamente, sensações de prazer e desprazer (Freud, 1915/2010a).

A segunda dificuldade, segundo Gonçalves (2020), refere-se à identificação entre masoquismo e excitação sexual. Freud (1915/2010a,) sugere que,

quando sentir dores se torna uma meta masoquista, pode surgir também, retroativamente, a meta sádica de infligir dores, que o próprio indivíduo, ao suscitar-las em outros, frui masoquistamente na identificação com o objeto sofredor. Naturalmente se frui, em ambos os casos, não a dor mesma, mas a excitação sexual que a acompanha, o que é particularmente cômodo na posição do sádico (p. 67).

Na passagem citada anteriormente, Freud (1915/2010a) parece estar em dúvida sobre se o agressor sente prazer ao se identificar com o objeto sofredor ou se o masoquista sente prazer ao ocupar, em fantasia, o lugar do sádico. A primeira hipótese parece contradizer o princípio do prazer, pois sugere uma ligação entre autoagressividade e prazer. Já a segunda hipótese evita essa contradição e é mais coerente com os argumentos de Freud desde *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2018).

A última dificuldade surge quando Freud (1905/2018) compara os pares de perversões sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo. Para ele, esse último par tem origem na fase narcísica, posto que a pulsão de olhar é autoerótica, nesse período ela tem um objeto que é o próprio corpo. Ao sugerir que esses dois pares de perversões surgem nessa fase, o autor argumenta que:

Habituo-nos a chamar de narcisismo, sem pôr inicialmente em discussão o nexo entre autoerotismo e narcisismo, a fase inicial de evolução do Eu, durante a qual as pulsões sexuais têm satisfação autoerótica. Então temos que dizer, sobre o estágio preliminar da pulsão de olhar, em que o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ele pertence ao narcisismo, é uma formação narcísica. A partir dele, se desenvolve a pulsão ativa de olhar, à medida que abandona o narcisismo, mas a pulsão passiva de olhar se atém ao objeto narcísico. Do mesmo modo, a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico (Freud, 1905/2018, p. 70).

É possível perceber a dificuldade de Freud em conciliar o par de perversões voyeurismo e exibicionismo com o par sadismo e masoquismo. Enquanto é possível identificar uma fase narcísica e autoerótica no voyeurismo, tal característica não se aplica ao sadismo, pois este, desde o início, busca um objeto no mundo externo para a realização de sua meta pulsional (Gonçalves, 2020). Ainda assim, Freud mantém a hipótese de que essa perversão representa um retorno à fase narcísica.

Ambivalência afetiva

Freud utiliza o termo ambivalência afetiva, cunhado por Bleuler¹⁰, para descrever a coexistência de sentimentos de amor e ódio direcionados à mesma pessoa. Esse conceito

¹⁰ Bleuler introduz o termo ambivalência, em 1910, em uma palestra sobre a ambivalência em Berna (Freud, 1912/2017).

aparece pela primeira vez em *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912/2017). No entanto, como apontam Laplanche e Pontalis (1995), a ideia de uma corrente de amor e ódio voltada para o mesmo objeto já estava presente em *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909/2018) e *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (1909/2013). Freud (1912–1913/2016) afirma que a ambivalência afetiva “se acha, em maior ou menor grau, na constituição de todo indivíduo” (p. 102). A partir de 1912, essa expressão reaparece em várias ocasiões em que ele aborda sua teoria sobre a primeira dualidade pulsional, porém não há uma sistematização das hipóteses sobre a ambivalência afetiva em um único texto. Ele adiciona novos argumentos ao longo de diferentes obras, o que torna sua compreensão mais complexa. Além disso, em determinados textos, Freud aborda a ambivalência ligada às pulsões do Eu, enquanto, em outros, aborda a ambivalência ligada a pulsões sexuais.

De acordo com a teoria freudiana, a ambivalência afetiva pode surgir no Eu como consequência das manifestações das pulsões do Eu, uma vez que o objeto de prazer inevitavelmente provoca desprazer em algum momento. O Eu pode reagir a esse estímulo com pensamentos, sentimentos e comportamentos hostis ou agressivos. Além disso, a ambivalência pode emergir quando o Eu julga proibida a satisfação de uma meta libidinal, como ocorre com os desejos edípicos, que são reprimidos devido às exigências sociais necessárias para a sobrevivência individual e da espécie. Freud também considera que a ambivalência pode ser intensificada por fixações na fase oral, na fase sádico-anal, em casos de neurose narcísica e no complexo paterno, particularmente no sexo masculino.

Para compreender melhor a ambivalência, analisaremos inicialmente o texto *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915/2010b). Razinsky (2007) comenta que, nessa obra, são abordadas três reações psíquicas principais envolvendo a morte: a negação da própria morte, o desejo pela morte do outro e a ambivalência em relação à morte de alguém querido. Para compreender o surgimento da ambivalência afetiva, focaremos as duas últimas reações.

Conforme Freud (1915/2010b), o desejo de morte em relação a estranhos era comum ao homem primevo, que via todos ao redor como fontes de desprazer e obstáculos às suas realizações. O autor afirma que “ele era sem dúvida um ser muito passional, mais cruel e mais malvado que outros bichos. Assassina com gosto, e como se fosse algo óbvio” (p. 234). Com o parricídio e o desenvolvimento da civilização, esse desejo teria se tornado uma herança filogenética, sendo direcionado ao inconsciente, com algumas alterações, pois a pessoa imagina constantemente a morte do outro, por ele ser fonte de desprazer, mas sem executá-la.

Em relação à morte de alguém querido, Freud (1915/2010b) especula que ela teria surgido quando o homem primevo começou a se identificar com os indivíduos próximos essenciais para sua sobrevivência. Ele passou a amá-los e a construir laços libidinais, todavia, ao mesmo tempo, odiava-os por serem fontes de desprazer. Ele observa:

quando o homem primevo via morrer um dos seus, sua mulher, seu filho, seu amigo, que ele sem dúvida amava como nós aos nossos, pois o amor não pode ser muito mais novo que o prazer em matar. Então, na sua dor, ele teve que aprender que também ele podia morrer, e todo o seu ser revoltou-se contra tal admissão; pois cada um desses amores era um pedaço de seu próprio amado Eu. Por outro lado, essa morte

também era justa para ele, pois em cada um desses amores havia também um quê de estrangeiro (p. 236).

Para Freud (1915/2010b), a ambivalência contribui para a repressão do desejo de matar, pois o Eu é formado por partes de cada pessoa amada, em decorrência da identificação gerada pelos laços libidinais. Quando o objeto de desejo é fonte de prazer, o Eu introjeta suas características e, caso esse objeto venha a morrer, ele perde uma parte de si, identificada com ele. Além disso, para conter o desejo mortífero, surgem a consciência moral e o sentimento de culpa, assim como o conflito entre o desejo de matar o outro e o medo da morte deste. Em resumo, motivado pelas pulsões egoístas, o psiquismo reage com ódio quando o outro se torna uma fonte de desprazer, surgindo, assim, o desejo de destruí-lo. No entanto, como o Eu também é formado por esses entes amados, destruir o outro equivale a destruir uma parte de si mesmo e, portanto, a ambivalência se manifesta.

Como mencionado anteriormente, Freud (data) afirma que a ambivalência afetiva pode ser intensificada devido ao complexo paterno, à fixação nas fases oral e sádico-anal e, em alguns casos, de neurose narcísica. No primeiro caso, ela se acentua porque, durante o complexo de Édipo, o menino desenvolve o complexo paterno. Nesse contexto, ele sente ódio do pai por vê-lo como um obstáculo às suas reivindicações sexuais em relação à mãe, mas também o ama e o admira. Ao longo da vida, o homem poderia transferir os sentimentos afetuosos e hostis originados desse complexo para todas as figuras de autoridade.

Na fixação nas fases oral e sádico-anal, a ambivalência é impulsionada porque as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões do Eu para se desenvolver, de forma que os impulsos sádicos gozam de certa autonomia por estarem mesclados com a libido, com os impulsos de ódio, além de não terem se formado as barreiras que se opõem à satisfação desses impulsos. A regressão a um desses estágios poderia dotar os sentimentos, pensamentos e comportamentos do indivíduo dessas características.

Por fim, em alguns casos de neuroses narcísicas, a ambivalência afetiva é intensificada pela fixação na fase narcísica, que ocorre simultaneamente à fase oral, na qual se dá a identificação narcísica. Nessa fase, o Eu introjeta as características prazerosas dos objetos fontes de prazer e projeta no mundo tudo o que é fonte de desprazer, reagindo com ódio e desejo de destruição. Ademais, as pulsões egoístas, parte das pulsões do Eu, adquirem certa autonomia, uma vez que a repressão ainda não se estabeleceu. Com a regressão a essa fase, as características dessa etapa do desenvolvimento podem voltar a se manifestar no Eu.

Fantasia de surra

Uma das últimas manifestações da agressividade vinculadas às pulsões sexuais, abordadas por Freud antes de *Além do princípio do prazer* (1920/2020), é a fantasia de surra, em *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919/2017). Essa obra pode ser considerada uma transição entre o primeiro e o segundo dualismo pulsional. Algumas concepções discutidas nesse texto, como a autoagressividade, o masoquismo erógeno, o masoquismo moral e o complexo de Édipo negativo, são posteriormente desenvolvidas em outros trabalhos.

Nas análises de seus pacientes, Freud (1919/2017) observa que fantasias de surra aparecem frequentemente em seus relatos, tanto em casos de histeria e neurose obsessiva quanto em outras patologias. Ele acredita que essas fantasias são ainda mais comuns em indivíduos que não procuram análise, devido à ausência de sintomas manifestos, e que desempenham um papel na constituição e no desenvolvimento da sexualidade normal. Freud também nota que a fantasia de surra está associada a sentimentos de prazer e frequentemente conduz à masturbação. Além disso, constata que essas fantasias se originam na infância e se manifestam em ambos os sexos, conquanto com particularidades relacionadas ao gênero da criança, como será discutido a seguir.

No caso do sexo feminino, a fantasia de surra é composta por três fases. Na primeira, a pessoa que fantasia não é a que apanha; geralmente, quem sofre a surra é um irmão mais novo, enquanto o pai é o indivíduo que bate (Freud, 1919/2017). Essa fantasia surge porque a criança acredita que todo o amor, atenção e carinho dos pais eram direcionados exclusivamente a ela, mas vê seu narcisismo abalado com a chegada de um irmão, com quem teve que dividir esses afetos e os meios para sua subsistência. Estudos como os de Novick e Novick (1972), Schuster (1966), Niederland (1958) e Sirois (2010) apontam que os motivadores dessa primeira fase são o ciúme e a rivalidade da menina com o irmão, decorrentes de seu narcisismo e egoísmo, e não de manifestações de pulsões sexuais.

Na segunda fase da fantasia de surra no sexo feminino, o pai permanece como o indivíduo que bate, mas a criança que apanha passa a ser a própria menina que fantasia. Essa etapa é acompanhada de grande prazer e apresenta um caráter masoquista. Essa fantasia é reprimida e só acessível por meio da análise, explica Freud. Já na terceira fase, que é consciente, o indivíduo que bate pode ser indefinido ou um substituto do pai, como um professor. A criança que apanha é incerta, geralmente representada por várias crianças, frequentemente meninos que funcionam como substitutos da garota. Essa “fantasia é agora portadora de uma forte, inequívoca, excitação sexual, e, como tal, permite a satisfação masturbatória” (Freud, 1919/2017, p. 303).

No caso do sexo masculino, Freud (1919/2017) não identifica uma fase preliminar correspondente à primeira fase no sexo feminino, em que o pai bate em uma criança (geralmente um irmão). Para os meninos, a fantasia inicial, inconsciente, apresenta conteúdo semelhante à segunda fase das meninas, com o tema “apanho do meu pai” (p. 320). A fantasia desses homens coincide com a posição feminina perante o objeto, ou seja, apresenta um papel passivo. Na segunda fase, que é consciente, o conteúdo muda para “apanho de minha mãe”. Nessa etapa, o menino mantém seu papel passivo enquanto substitui o pai pela mãe como a figura que bate.

As diferenças entre os sexos na fantasia de surra são notáveis. Para o sexo masculino, a fantasia masoquista deriva do complexo de Édipo negativo, enquanto para o sexo feminino está relacionada ao complexo de Édipo normal. Freud especula que, na última fase da fantasia das meninas, o complexo de castração desempenha um papel central. Identificando-se com meninos e lidando com a ausência do órgão sexual masculino, a menina tenta reparar o dano narcísico causado pela constatação dessa ausência. Laplanche e Pontalis (1995) observam que o falo é considerado pela criança uma parte essencial da imagem do Eu, e ameaças a ele

representam uma ferida narcísica. Além disso, é importante notar que o sexo masculino parte de uma posição passiva em relação ao outro nas fases da fantasia de surra, tendo em vista que inicialmente o garoto é surrado (amado) pelo pai e depois surrado (amado) pela mãe. Já na última fase da fantasia do sexo feminino, como vimos, ela se identifica com meninos. Logo, o garoto e a garota terão que achar formas de lidarem com essas fantasias, evitando assim uma orientação homossexual.

A segunda fase da fantasia de surra no sexo masculino, “apanho de minha mãe”, assemelha-se à terceira fase no sexo feminino, em que garotos apanham de um substituto do pai, geralmente professores. Essa fase deriva da fantasia “apanho do meu pai” e pode se tornar consciente, apesar de seu caráter incestuoso, diferentemente da segunda fase da fantasia feminina, que permanece inconsciente (Freud, 1919/2017).

Gonçalves (2020) aponta que os motivos da repressão causada pelo complexo de castração diferem entre os sexos. Para os garotos, a possibilidade de sustentar uma fantasia passiva diante do sexo masculino, remetendo ao papel feminino, que supostamente “perdeu o pênis”, é mais prejudicial ao ideal do Eu do que carregar uma fantasia incestuosa, na qual seu órgão genital é preservado. Já no caso feminino, uma fantasia homossexual, na qual o suposto pênis é “restaurado”, é mais tolerável ao ideal do Eu do que a manutenção de uma fantasia incestuosa.

Gonçalves (2020) observa que a agressividade presente na fantasia “batem numa criança” parece adquirir certa autonomia em relação às manifestações das pulsões do Eu e das pulsões sexuais. As fases dessa fantasia podem se conectar a uma ou outra dessas classes de pulsões, dependendo do estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra. Por exemplo, as expressões agressivas da primeira fase da fantasia de surra no sexo feminino são atribuídas às pulsões do Eu. Já as manifestações agressivas das fases subsequentes nesse sexo, bem como as fases correspondentes no sexo masculino, estão mais relacionadas às pulsões sexuais. Além disso, a análise da fantasia de surra sugere que as duas últimas fases no caso feminino, assim como todas as fases no caso masculino, envolvem uma autoagressividade manifesta, a qual parece atuar nas fantasias de surra de forma independente do sadismo.

A obra *Batem numa criança* traz considerações interessantes sobre a autoagressividade, algumas das quais são destacadas por Blum (1980), Salztrager (2006) e Ferrão (2018). Blum (1980) aponta que, na fantasia de surra, a agressão pode se fundir à libido, à ansiedade e à dor, tornando-se erotizada e originando o masoquismo. Salztrager (2006) destaca que essa fantasia está na base do que seria posteriormente descrito, em 1924, como masoquismo moral, resultante do sentimento de culpa da criança por seus desejos edípicos. Ferrão (2018), por sua vez, observa que a relação entre a cena de surra e a masturbação infantil evidencia uma forte conexão entre a autoagressão e as pulsões sexuais.

Schuster (1966) argumenta que é possível ir além da interpretação de Freud, que considerava a fantasia de surra um substituto regressivo do amor ao pai, e sugere que ela também está relacionada ao problema da agressão e à identificação masculina, especialmente na luta da menina com as ansiedades da cena primária. Niederland (1958), por sua vez, destaca que essa fantasia reflete a visão central da teoria sexual infantil, cuja essência é representada pela fórmula: o que o pai faz com sua parceira sexual, isto é, a mãe,

durante o coito, é vencê-la. As observações de ambos os autores reforçam a importância da fantasia originária¹¹ na constituição da fantasia de surra.

Considerações finais

Desde o início de seus trabalhos psicanalíticos, Freud aborda as manifestações agressivas e hostis associadas às pulsões sexuais à medida que amplia suas hipóteses sobre o psíquico e as pulsões. Ele discute as expressões agressivas presentes no complexo de Édipo, na pulsão de apoderamento, na fase oral, na fase sádico-anal, na ambivalência afetiva, no sadismo, no masoquismo e nas fantasias de surra. Entretanto, algumas de suas hipóteses não se encaixam facilmente na teoria desenvolvida até 1920.

Uma das dificuldades encontradas é conciliar o sadismo com a fase narcísica. Freud (data) afirma que o sadismo é primário, contudo, para que o sadismo fosse primário, seria necessário que na fase narcísica os comportamentos sádicos tivessem como alvo o próprio Eu, como ocorre no voyeurismo, e, apenas em um segundo momento, fossem direcionados ao mundo externo. No entanto, nesse caso, não se trataria de sadismo, mas sim de masoquismo, de forma que o sadismo teria de ser pensado como secundário, concepção sustentada por Freud (data) em sua segunda teoria pulsional. Além disso, ao comparar o sadismo e o masoquismo, como perversões, com o comportamento de crianças com traços sádicos, ele não identifica, nesse comportamento infantil, o objetivo de causar dor ao objeto como uma fonte de satisfação, condição que deveria estar presente para que esse comportamento pudesse ser qualificado como sádico. Essas incongruências permanecem em sua primeira teoria pulsional e, provavelmente, contribuíram, juntamente com outras questões teóricas, para que ele a repensasse a partir de 1920.

A abordagem da ambivalência afetiva na teoria do primeiro dualismo pulsional também apresenta algumas inconsistências. Desde *Totem e tabu* (1912–13/2016), Freud considera que o indivíduo abriga desejos homicidas e parricidas que, em grande parte, foram relegados ao inconsciente por meio da repressão. Em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915/2010b), essas hipóteses são revisitadas e ampliadas por meio da ideia de ambivalência afetiva, definida como o conflito contínuo entre o desejo de matar o outro e o medo de que ele morra. Além disso, Freud (data) sugere que a repressão, os mecanismos de defesa da consciência e os recursos criados pela civilização para conter esses desejos não conseguem suprimi-los completamente, de forma que, eventualmente, tais impulsos possam se manifestar em busca de satisfação. Antes de 1920, esses desejos seriam motivados pelas pulsões do Eu. Todavia, à luz das argumentações do autor, especialmente em sua obra de 1915, não é possível compreender os desejos mortíferos direcionados a entes queridos a partir das pulsões do

¹¹ Para Freud, as fantasias originárias seriam acontecimentos vividos pelos primeiros seres humanos e viraram uma herança filogenética, transmitida de geração em geração, por isso elas seriam encontradas em todo indivíduo (Laplanche & Pontalis, 1995). Gero (1962) lembra ainda que, além das fantasias originárias inatas, há geralmente algumas acidentais que as ratificam. Um exemplo é a consciência da menstruação da mãe ou o nascimento de um novo bebê. Elas são elaboradas em torno da concepção do ato sexual e da descoberta das diferenças anatômicas, o que faz com que acentuem seus aspectos sangrentos, dolorosos e violentos.

Eu, pois tais desejos escapam ao que seria esperado para a autopreservação e adaptação do indivíduo. Isso deixa implícito que a agressividade opera como uma pulsão independente.

As hipóteses utilizadas em *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919/2017) para descrever a fantasia de surra também se mostram problemáticas. No entanto, esse texto deve ser pensado com cautela, na medida em que consiste em uma das últimas obras de Freud publicadas antes de 1920, podendo ser considerado uma transição entre a primeira e a segunda dualidade pulsional. Algumas ideias nele elaboradas podem ser vistas como preliminares de conceitos que seriam plenamente desenvolvidos na segunda dualidade pulsional, como a concepção do complexo de Édipo negativo, do masoquismo moral e do masoquismo erógeno, entre outros. É interessante notar que a fantasia de surra revelou a Freud uma autoagressividade no indivíduo intimamente relacionada às pulsões sexuais, o que trouxe mais evidências de que o masoquismo poderia pertencer à fase narcísica, ao contrário do que ele sustentara anteriormente. Além disso, nesse texto, a agressividade é apresentada como predominantemente ligada às pulsões sexuais, mas também às pulsões do Eu, o que indica que ela pode se vincular a ambas as classes de pulsões, dependendo do período de desenvolvimento do ser humano.

A análise da agressividade e da hostilidade na primeira dualidade pulsional permite, destarte, compreender não apenas como esses fenômenos são pensados por Freud em sua teoria anterior a 1920, mas também permite compreender algumas das lacunas teóricas que o levaram à reformulação teórica empreendida a partir de *Além do princípio do prazer*.

Referências

- Ackerman, S. (2023). Freud's red thread: explorations of the unconscious sense of guilt. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 71(2), 189-214. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1177/00030651231171919>
- Ahbel-Rappe, K. (2008). Freud's little Oedipus: Hans as exception to the Oedipal rule. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 56(3), 833-861. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1177/0003065108323271>
- Aleksandrowicz, D. (2009). Mastery, aggression and narcissism: a contribution to psychoanalytic drive theory. *Dover. Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, 2, 13-21. Recuperado em 12/03/2021 em: <https://pdfs.semanticscholar.org/92dc/e52801e0a1fc486dfbd4c00c8e3995f4f6eb.pdf>
- Bergler, E. (1938). Preliminary phases of the masculine beating fantasy. *Psychoanalytic Quarterly*, 7(4), 514-536. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1080/21674086.1938.11925370>
- Blum, H. P. (1980). Paranoia and beating fantasy: an inquiry into the psychoanalytic theory of paranoia. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 28, 331. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1177/000306518002800204>
- Blum, H. P. (2010). Adolescent trauma and the Oedipus complex. *Psychoanalytic Inquiry*, 30(6), 548-56. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1080/07351690.2010.518545>
- D'Amato, B. (2010). Aggression in dreams – Intersecting theories: Freud, modern psychoanalysis, threat simulation theory. *Modern Psychoanalysis*, 35(2), 182-204.

- De Vleminck, J. (2017). Sadism and masochism on the Procrustean bed of hysteria: from *Psychopathia Sexualis* to *Three Essays on the Theory of Sexuality*. *Psychoanalysis and History*, 19(3), 379-406. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.3366/pah.2017.0232>
- Denis, P. (2015). The drive revisited: mastery and satisfaction. *International Journal of Psychoanalysis*, 97, 759-784. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12436>
- Dennen, J. M. G. V. D. (2005). Theories of aggression: psychoanalytic theories of aggression. *Default Journal*. Recuperado 20/05/2021 em: <https://www.rug.nl/research/portal/files/2888993/A-PANAL.pdf>
- Ferrão, C. S. (2018). *O conceito de fantasia em Freud: do abandono da teoria de sedução às construções em análise*. Dissertação de mestrado Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.
- Freud, S. (1991). La interpretación de los sueños. In Strachey, J. (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4, pp. 258-279, J. L. Etcheverry Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2003). Projeto de uma psicologia. In Gabbi Jr, O. F. (Ed.), *Notas a “Projeto de uma psicologia” – as origens utilitaristas de psicanálise* (pp7-102, O. F. Gabbi Jr Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In Freud, S. *Obras Completas* (vol. 12, pp. 13-50, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 12, pp. 171-194, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917[1915]).
- Freud, S. (2010a). As pulsões e seus destinos. In Freud, S. *Obras Completas*, (Vol. 12, pp. 51-81, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010b). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 12, pp. 209-246, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”]. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 09, pp. 13-112, P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2015). Conferência 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 13, pp. 424-449, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (2016). Totem e tabu. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 11, pp. 13-244, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912-1913).
- Freud, S. (2017). A dinâmica da transferência. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 10, pp. 133-146, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2017). História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”]. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 14, pp. 13-160, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1918[1914]).
- Freud, S. (2017). “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 14, pp. 293-327, P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).

- Freud, S. (2018). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Obras Completas* (Vol. 6, pp. 13-172, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2018). Caráter e erotismo anal. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 07, pp. 350-358, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (2018). Análise da fobia de um garoto de cinco anos [“o pequeno Hans”]. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 8, pp. 123-284, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2018). A predisposição à neurose obsessiva. In Freud, S. *Obras Completas* (Vol. 10, pp. 324-337, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2018). Introdução ao narcisismo. In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 12, pp. 13-50, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2020). A interpretação dos sonhos. In Freud, S. *Obras Completas* (Vol. 4, pp. 13-678, P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2020). Além do princípio do prazer. In Iannini, G. (Org.), *Dossiê para ler o Além do princípio de prazer*. (pp. 57-220, M. R. S. Moraes Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920).
- Friedman, R. C. & Downey, J. I. (1995). Biology and the Oedipus complex. *Psychoanalytic Quarterly*, 64(2), 234-264.
- Gero, G. (1962). Sadism, masochism, and aggression: their role in symptom-formation. *Psychoanalytic Quarterly*, 31(1), 31-42. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1080/21674086.1962.11926233>
- Gonçalves, F.S. (2020). *Agressividade no quadro da primeira dualidade instintual freudiana*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
- Gonçalves, F. S. & Caropreso, F. S. (2022). A agressividade na etapa inicial da teoria freudiana. *Tempo Psicanalítico*, 54(1), 229-254.
- Hanly, C. (1978). Instincts and hostile affects. *International Journal of Psychoanalysis*, 59(2-3), 149-156.
- Hartmann, H., Kris, E. & Loewenstein, R. M. (1949). Notes on the theory of aggression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 3(1), 9-36. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1080/00797308.1947.11823076>
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1995). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed., P. Tamen Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laurenti, C. & Lopes, C.E. (2016). Metodologia de pesquisa conceitual em psicologia. In Laurenti, C., Lopes, C. E. & Araujo, S. F. (Eds.), *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos*. (pp. 41-69). São Paulo: Hogrefe.
- May, U. (2015). The third step in drive theory: on the genesis of Beyond the Pleasure Principle. *Psychoanalysis and History*, 17(2), 205-272. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.3366/pah.2015.0170>
- Modell, A. H. & Sacks, M. H. (1985). The Oedipus complex: a reevaluation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 33(1), 201-216. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1177/000306518503300111>

- Niederland, W. G. (1958). Early auditory experiences, beating fantasies, and primal scene. *Psychoanalytic Study of the Child*, 13(1), 471-504. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1080/00797308.1958.11823192>
- Novick, J. & Novick, K. K. (1972). Beating fantasies in children. *International Journal of Psychoanalysis*, 53(2), 237-242.
- Razinsky, L. (2007). A psychoanalytic struggle with the concept of death: a new reading of Freud's "Thoughts for the Times on War and Death". *Psychoanalytic Review*, 94(3), 355-387. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1521/prev.2007.94.3.355>
- Rizzuto, A., Sashin, J. I., Buie, D. H. & Meissner, W. W. (1993). A revised theory of aggression. *Psychoanalytic Review*, 80(1), 29-54.
- Salztrager, R. (2006). Os paradoxos da fantasia. *Interações*, 11(21), 79-96.
- Schuster, D. B. (1966). Notes on "A child is being beaten". *Psychoanalytic Quarterly*, 35(3), 357-367. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1080/21674086.1966.11926393>
- Sirois, F. J. (2010). Notes on the beating fantasy. *International Journal of Psychoanalysis*, 91(3), 505-519. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2009.00227.x>

Aggressive manifestations linked to sexual drives in Freud's first dual-drive theory

Abstract

This article investigates aggressive and hostile manifestations linked to sexual drives within Freud's first dual-drive theory (1900–1920), the period preceding the theoretical reformulation presented in *Beyond the Pleasure Principle* (1920/2020). The methodology adopted consists predominantly of structural textual analysis, aiming to delineate the internal development of concepts across Freudian works. Based on this procedure, the following phenomena are examined: the Oedipus complex, the drive for mastery, the oral phase, the sadistic-anal phase, affective ambivalence, sadism, masochism, and beating fantasies. The investigation focuses both on conceptual development and on the theoretical inconsistencies identified. The analysis shows that, between 1910 and 1914, Freud significantly expanded his hypotheses on aggressiveness with the introduction of narcissism theory, arguing that sexual drives rely on ego drives for their development during the narcissistic phase, thereby giving rise to hostile and aggressive impulses within sexuality without the presence of unpleasure. However, important explanatory limitations are identified: the impossibility of reconciling sadism with the narcissistic phase, since sadistic behaviors are directed toward the external world from the outset; the absence, in infantile sadism, of the aim to inflict pain, a central characteristic of adult sadistic perversion; and the difficulty of understanding parricidal and homicidal wishes present in affective ambivalence solely on the basis of ego drives, as such wishes exceed the logic of self-preservation. These inconsistencies indicate that the first dual-drive theory allows aggressiveness to be understood only when articulated with eroticism, the pleasure principle, or self-preservation, proving insufficient to conceive it as an autonomous phenomenon and thus pointing to the need for the subsequent theoretical reformulation.

Keywords: Psychoanalysis. Freud. Aggressiveness. Sexuality. First dual-drive theory.

Manifestaciones agresivas vinculadas a las pulsiones sexuales en la primera dualidad pulsional freudiana

Resumen

Este artículo investiga las manifestaciones agresivas y hostiles vinculadas a las pulsiones sexuales en la primera dualidad pulsional freudiana (1900–1920), período que antecede a la reformulación teórica presentada en *Más allá del principio del placer* (1920/2020). La metodología adoptada consiste predominantemente en el análisis estructural de textos, con el objetivo de circunscribir el desarrollo interno de los conceptos a lo largo de las obras

freudianas. A partir de este procedimiento, se examinan los siguientes fenómenos: complejo de Edipo, pulsión de apoderamiento, fase oral, fase sádico-anal, ambivalencia afectiva, sadismo, masoquismo y fantasías de paliza. La investigación se centra tanto en la evolución conceptual como en las inconsistencias teóricas identificadas. El análisis evidencia que, entre 1910 y 1914, Freud amplió significativamente sus hipótesis sobre la agresividad con la introducción de la teoría del narcisismo, al sostener que las pulsiones sexuales se apoyan en las pulsiones del Yo para desarrollarse durante la fase narcisista, dando lugar a impulsos hostiles y agresivos en la sexualidad sin la presencia de displacer. No obstante, se identifican limitaciones explicativas relevantes: la imposibilidad de conciliar el sadismo con la fase narcisista, puesto que los comportamientos sádicos se dirigen desde el inicio al mundo externo; la ausencia, en el sadismo infantil, del objetivo de causar dolor, característica central de la perversión sádica adulta; y la dificultad de comprender los deseos parricidas y homicidas presentes en la ambivalencia afectiva únicamente sobre la base de las pulsiones del Yo, dado que tales deseos exceden la lógica de la autopreservación. Estas inconsistencias indican que la primera dualidad pulsional permite comprender la agresividad solo cuando se articula con el erotismo, el principio de placer o la autopreservación, resultando insuficiente para concebirla como un fenómeno autónomo y señalando, así, la necesidad de la reformulación teórica posterior.

Palabras clave: Psicoanálisis. Freud. Agresividad. Sexualidad. Primer dualismo pulsional.

Les manifestations agressives liées aux pulsions sexuelles dans le premier dualisme pulsionnel freudien

Résumé

Cet article examine les manifestations agressives et hostiles liées aux pulsions sexuelles dans la première dualité pulsionnelle freudienne (1900–1920), période qui précède la reformulation théorique présentée dans Au-delà du principe de plaisir (1920/2020). La méthodologie adoptée repose principalement sur l'analyse structurale des textes, dans le but de circonscrire le développement interne des concepts à travers les œuvres freudiennes. À partir de cette démarche, les phénomènes suivants sont examinés : le complexe d'Œdipe, la pulsion d'emprise, la phase orale, la phase sadique-anale, l'ambivalence affective, le sadisme, le masochisme et les fantasmes de fustigation. L'enquête porte à la fois sur l'évolution conceptuelle et sur les incohérences théoriques mises en évidence. L'analyse montre qu'entre 1910 et 1914, Freud a considérablement élargi ses hypothèses sur l'agressivité avec l'introduction de la théorie du narcissisme, en soutenant que les pulsions sexuelles s'appuient sur les pulsions du Moi pour se développer durant la phase narcissique, donnant ainsi naissance à des impulsions hostiles et agressives au sein de la sexualité sans présence de déplaisir. Toutefois, des limites explicatives importantes sont mises en évidence : l'impossibilité de concilier le sadisme avec la phase narcissique, dans la mesure où les comportements sadiques sont orientés dès l'origine vers le

monde extérieur ; l'absence, dans le sadisme infantile, de l'objectif de provoquer la douleur, caractéristique centrale de la perversion sadique adulte ; et la difficulté de comprendre les désirs parricides et homicides présents dans l'ambivalence affective uniquement à partir des pulsions du Moi, ces désirs dépassant la logique de l'autoconservation. Ces incohérences indiquent que la première dualité pulsionnelle permet de comprendre l'agressivité seulement lorsqu'elle est articulée à l'érotisme, au principe de plaisir ou à l'autoconservation, se révélant insuffisante pour la concevoir comme un phénomène autonome et indiquant ainsi la nécessité de la reformulation théorique ultérieure.

Mots-clés: Psychanalyse. Freud. Agressivité. Sexualité. Premier dualisme pulsionnel.

Submetido em: 04/06/2025

Revisado em: 02/02/2026

Aceito em: 24/02/2026